



A UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES NO AUXÍLIO DA APRENDIZAGEM

Fernanda Alves Nunes
Fredson Murilo Da Silva

Resumo

O Ensino tradicional teve seu início no século XIX e ainda perduram raízes pelo século XXI. Os professores engessados pelo ensino tradicional acabam ficando reféns de uma metodologia que não contribui para um conhecimento crítico e científico dos alunos. É importante que novas formas de ensino sejam aplicadas no campo da educação e que os espaços escolares sejam explorados na rotina dos alunos. Os professores mantêm seu foco apenas nas salas de aula e esquecem que suas aulas podem ser diferentes usando os vários espaços da escola que muitas vezes são usados de forma recreativa. Bibliotecas, pátios, áreas externas são locais presentes na maioria das escolas, porém esquecidos pelos professores. Esse trabalho teve o objetivo de relatar uma oficina realizada com os alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental para apresentar os departamentos da escola como um espaço de aprendizagem.

Palavras-chave: Investigação; Espaço Formal; Novas metodologias.

Abstract

The traditional teaching had your beginning in the 19th century and by 21ST century roots still linger. The embedded traditional education teacher send up being held host age by a methodology that does not contribute for a critical and scientific knowledge of the students. It is importante that new forms of teaching are applied in the field of education and the schools paces operated on the students ' routine. Teachers keep your focus in the classrooms and forget that your classes may be diferente using the several área so fthe school are often used recreationally. Libraries, patios, outdoor areas are present in most schools, but forgotten by teachers. This work had the objective of reporting a workshop held with the students of the final years of primary school to presente the departments of school as a learning space.

Keywords: Research; Formal Space; New Methodologies.

Introdução

O processo educacional encontra dificuldades diárias, quando levamos em consideração o ensino-aprendizagem dos alunos. Prender a atenção dos estudantes ainda é um dos maiores desafios encontrados na sala de aula, e, atualmente essa atenção vem sendo disputada pela tecnologia. Mesmo a literatura trazendo vários



tipos de metodologias para o ensino é muito difícil tornar prazeroso a aprendizagem na sala de aula.

Os espaços informais veem para auxiliar o ensino, porém muitos docentes não conseguem desenvolver atividades nesses espaços. Jacobucci (2008) define espaços não formais de educação como locais, diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas, preparar uma aula de campo, ou seja, uma ida a um museu, uma visita a instituições, onde exige organização e demanda de tempo por parte do professor.

No entanto, os professores enfrentam diariamente o excesso de cobrança para o cumprimento de carga horária e a realização das aulas com os conteúdos curriculares. Sabendo disso, muitos professores preferem se recluser a salas de aula que acabam tornando a aprendizagem sacal para os alunos, esquecendo de desenvolver novas metodologias de ensino utilizando vários espaços da escola para desenvolvimento de suas aulas.

Fazer uso da biblioteca, cantina, área externa, laboratório e qualquer outra área que possui uma vasta gama de ensinamentos precisam ser explorados pelos estudantes através do ensino investigativo. Para Giodan (1999) o ensino investigativo e experimental é visto pelos alunos com um caráter lúdico e motivador, já para os professores esse tipo de metodologia auxilia no aprendizado e faz relação com os assuntos que estão em pauta.

Dessa forma, esse artigo tem por objetivo relatar a experiência de uma oficina realizada com os estudantes dos sextos e nonos Anos do Ensino Fundamental, visando o ensino investigativo nos espaços de uma instituição, excetuando a sala de aula.

Referencial Teórico

As instituições possuem diversos espaços que na maioria do tempo não são utilizados pelos professores. Esses locais são muitas vezes esquecidos e todo o potencial de ensino fica inexplorado. Para desenvolver atividades nesses espaços é



preciso de planejamento. Para Queiroz (2017) o planejamento é um dos primeiros passos que deve ser dado, e é necessário que seja criterioso, levando em consideração as perspectivas da turma, alinhando com os temas que precisam ser trabalhados na escola. Para o professor será essencial a realização da motivação dos seus alunos para que desenvolvam uma postura mais investigativa diante dos conhecimentos a serem aprendidos.

Essa proposta de ensino deve ser tal que leve os alunos a construir seu conteúdo conceitual participando do processo de construção e dando oportunidade de aprenderem a argumentar e exercitar a razão, em vez de fornecer-lhes respostas definitivas ou impor-lhes seus próprios pontos de vista transmitindo uma visão fechada das ciências (CARVALHO, 2004. p.3).

O ensino por investigação pode ocorrer em todos os momentos de uma aula. O professor deve agir como mediador e direcionar os alunos para que possam encontrar as respostas e as soluções para os problemas. Para isso, é preciso que seja apresentado aos educandos novos caminhos e novas perspectivas, permitindo o desenvolvimento do pensamento crítico e lógico. Wilsek e Tosin (2009) afirma que ensinar ciências por investigação significa inovar, mudar o foco da dinâmica da sala deixando de ser uma mera transmissão de conteúdo. Logo é possível compreender a importância de levar os alunos a serem protagonistas do seu conhecimento.

Metodologia

As oficinas foram realizadas com os alunos do sexto (6º “B”, manhã) e nonos (9º “A, B, C e D”, manhã e “E e F”, tarde) anos do Ensino Fundamental da Escola Padre Nicolau Pimentel, localizada na cidade de Feira Nova, interior de Pernambuco. Mesmo sendo uma escola urbana possui uma grande área verde sem uso definido pelos profissionais do local. Os estudantes foram retirados da sala e levados a explorar todas as áreas externas, que eles já conheciam, porém eram utilizadas apenas de forma recreativa. Foram realizadas atividades em vários espaços da escola como: o pátio, biblioteca e na área verde. Em todos os locais os alunos foram levados a pensar quais



atividades poderiam acontecer nesses locais e como os professores abordariam os conhecimentos. O pátio e a área verde foram os primeiros locais a serem visitados, onde os alunos puderam falar atividades que poderiam e deveriam ser realizadas naqueles locais, os estudantes eram direcionadas para uma conversa crítica e construtiva entre si. A biblioteca foi o último local a ser visitado, lá os alunos tiveram acesso a alguns exemplares de répteis e réplicas de esqueleto, onde puderam pegar e observar de perto, discutindo características e informações que eles já possuíam. Ao final da oficina os alunos esquematizaram o conhecimento adquirido ao longo da oficina. As esquematizações poderiam ser realizadas de forma variada (textos, desenhos, mapas conceituais etc).

Resultados e Discussão

Após a realização da oficina através das esquematizações, que foram feitas em sua maioria em forma de desenhos, realizadas pelos alunos foi possível observar a participação e o interesse pelos novos conhecimentos. Eles expressaram as discussões com os colegas e mostraram que conseguiram apreender todas as lições que estavam sendo debatidas. Os professores costumavam reclamar da falta de atenção dos estudantes no momento da aula, porém, a utilização de novas metodologias permitiu perceber que eles conseguem ser mais ativos no processo de ensino-aprendizagem no momento em que são colocados como protagonistas e desenvolvedores do saber. Moura (2002) diz o formar e o informar deve ser vistos como parte do mesmo processo e que os conteúdos devem ser integrados com as ações do sujeito. O processo de investigação torna-se fundamental para desenvolver esse trabalho de transmissão e recebimento de saberes, pois para Azevedo (2004, p.19):

Uma atividade de investigação deve partir de uma situação problematizadora e deve levar o aluno a refletir, discutir, explicar, relatar, enfim, que ele comece a produzir seu próprio conhecimento por meio da interação entre o pensar, sentir e fazer. Nessa perspectiva, a aprendizagem de procedimentos e atitudes se torna, dentro do processo de aprendizagem, tão importante quanto a aprendizagem de conceitos e/ou conteúdo.



A partir disso, é importante levar em consideração que cada turma exibe uma personalidade diferente e que deve ser levada em consideração no momento do planejamento de qualquer atividade. As oficinas foram realizadas em 7 turmas diferentes e mesmo possuindo a mesma essência foi preciso haver modificações para que conseguisse atingir o público alvo. Picado (2009) afirma que é importante a boa relação professor-aluno, para conseguir desenvolver boas metodologias de aula.

Durante a oficina os alunos falavam sobre o que eles achavam que deveria ser mudado, entre elas as metodologias tradicionais. Eles afirmavam que aprendiam mais quando estavam fora da sala do que dentro dela. Percebemos assim que trabalhar um conteúdo em diferentes espaços escolares de forma investigativa podem contribuir e despertar o interesse pela aprendizagem e conhecimento por parte dos discentes.

Considerações Finais

O papel do professor é conseguir interpretar e trabalhar a favor dos seus aprendizes. A oficina serviu para mostrar que mesmo dentro da instituição é possível realizar atividades diferenciadas permitindo novas metodologias ensino. Onde os diversos espaços da escola podem auxiliar o professor no desenvolvimento da sua atividade através do ensino por investigação transformando o conhecimento em algo bilateral onde o estudante é o protagonista no processo de evolução da educação.

Referências

AZEVEDO, Maria Cristina Paternostro Stella. Ensino por investigação: problematizando as atividades em sala de aula. **Ensino de Ciências unindo a pesquisa e a prática**, p. 19, 2004.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa. Ensino de Ciências-unindo a pesquisa e a prática. **Cengage Learning Editores**, 2004.



GIORDAN, Marcelo. O papel da experimentação no ensino de ciências. **Química nova na escola**, v. 10, n. 10, p. 43-49, 1999.

JACOBUECCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, v. 7, n. 1, 2008.

PICADO, Luís. A indisciplina em sala de aula: uma abordagem comportamental e cognitiva. **Portal dos psicólogos**, p. 1-14, 2009.

QUEIROZ, Ricardo et al. A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, v. 4, n. 7, p. 12-23, 2017.

WILSEK, Marilei Aparecida Gionedis; TOSIN, João Angelo Pucci. Ensinar e aprender ciências no ensino fundamental com atividades investigativas através da resolução de problemas. **Portal da Educação do Estado do Paraná**, p. 1686-8, 2009.